

Conventos de Santa Clara e de S. Francisco, em frente de Coimbra

Avultam estes dois edificios na encosta da montanha que se ergue na margem esquerda do Mondego, defronte da cidade de Coimbra.

Ambos tiveram a sua primeira fundação em logar baixo, proximo do rio; e ambos treparam, na segunda fundação, para o monte visinho, fugindo do Mondego, que, pouco a pouco, os derrocára com o impeto de suas aguas, afogando-os tambem com as suas areias. E para que fosse ainda mais simillhante a sorte de ambos n'aquella primeira quadra da sua existencia, os seus antigos annaes estão egualmente enlaçados com a historia de Portugal.

O convento de Santa Clara deve a sua origem a D. Mór Dias, senhora nobre, e possuidora de muitos bens, a qual tendo professado a regra de Santo Agostinho no mosteiro das donas de Santa Cruz, resolveu depois fundar um conventinho de freiras, onde fosse viver vida mais apertada.

Lançou-se a pedra fundamental da nova casa religiosa no dia 28 de abril de 1286. Acabou-se em pouco tempo, porque o edificio era de fabrica humilde, como convinha ás filhas de S. Francisco, que tomaram posse d'elle sob a invocação de Santa Clara.

Ao cabo de vinte e cinco annos, tendo fallecido D. Mór Dias, os conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra apossaram-se do convento e dos bens, a titulo de herança, allegando que a fundadora havia primeiramente professado a mesma regra que elles seguiam, pelo que a consideravam verdadeira filha de Santo Agostinho. Guardaram, portanto, para si todos os bens, que eram rendosos; mandaram as freiras para diversos conventos da ordem de S. Francisco, e entregaram aos frades franciscanos o conventinho de D. Mór, que, por mui pequeno e mesquinho, lhes não aguçou a cobiça. Este procedimento, nada religioso, todo mundano, pertence a essas eras remotas, que nós hoje suppomos e chamâmos de crenças vivas, de fé pura e de verdadeiro espirito de religião.

Succedeu isto em 1311, e, tres annos depois, a rainha Santa Isabel, pezando-lhe o feito, reivindicava o pobre convento para as freiras franciscanas. Mas não se limitou a isto a sua piedade. Mandou alargar o mosteiro; traçou e edificou novo e mais vasto templo; annexou-lhe para cérca extensos campos da margem do Mondego, aos quaes cercou de altos muros; e além d'isso, consignou sufficientes rendas para sustentação das religiosas. E para que a par do monumento da fé, ficasse tambem um padrão da caridade, em que tanto se abrazava o seu coração, fez erigir, contiguo ao convento, um hospital para os pobres, que dotou liberalmente.

Poucos annos depois de se concluir esta obra falleceu el-rei D. Diniz, cheio de desgostos pelas rebeldias de seu filho e successor, o infante D. Affonso.

A santa rainha, perdendo uma das affeições que mais a prendiam ao mundo, não pensou mais que em viver para Deus por meio da oração e do jejum, e para os pobres por meio da caridade. Despojando-se, pois, das vestes reaes, e vestindo o habito da terceira ordem de S. Francisco, passava a maior parte do

tempo recolhida no seu mosteiro de Santa Clara de Coimbra.

Vivendo alli em uma estreita·cella, e assistindo a todos os actos da communidade como qualquer simples religiosa; acudindo com esmolas á pobreza, com remedios e conforto aos enfermos e afflictos que vinham bater á porta do convento, edificava a todos com tão evangelico viver, e accumulava merecimentos e prodigios, que a fizeram mais tarde adorada nos altares como santa.

Durante a sua residencia n'este convento, veiu convalescente para a sua companhia, e ahi morreu de tenra edade, uma sua neta, a infanta D. Isabel, filha del-rei D. Affonso IV e da rainha D. Beatriz.

Attrahida da fama de tantas virtudes, e desprezando tambem as grandezas do mundo, alli veiu recolher-se a infanta D. Isabel, filha de D. Pedro III, rei de Aragão, e irmã da rainha santa.

Tendo passado toda a sua vida de rainha a evitar guerras e a compor discordias entre os principes de sua familia, quiz Deus que se completasse a missão d'este anjo de paz, saindo do claustro para ir sacrificar a existencia, congraçando el-rei D. Affonso IV, seu filho, com D. Affonso XI, rei de Castella, seu neto, e d'est'arte livrando o paiz das devastações de uma guerra.

Santa Isabel morreu na villa de Estremoz no dia 4 de julho de 1336, em consequencia das tribulações d'alma e das fadigas do corpo, causadas por aquella discordia, e pela jornada apressada que emprehendêra para a pacificar, quando os exercitos já estavam prestes a combater. Seu corpo, levado á egreja de Santa Clara de Coimbra, foi ahi sepultado, e passado algum tempo trasladado para um rico mausoléo de pedra.

Aos 22 de setembro de 1428, ornado o templo de riquissimas galas, celebrou-se n'elle o consorcio do virtuoso e infeliz infante D. Duarte, depois rei, com a infanta de Aragão, D. Leonor, não mais afortunada que seu marido.

Passado meio seculo, transpunha o limiar do templo outra rainha, levada á casa de Deus não por livre vontade, mas sim por força; não para desafogar na solidão as tristezas e lagrimas da viuvez, nem para orar e chorar sobre seus erros e peccados; mas sim para trocar, constrangida, a sua coroa real pelo véo de religiosa, os seus titulos de soberana pelo nome humilde de filha de S. Francisco, e para sepultar sob as abobadas da clausura a nobreza da sua origem, a candura da sua alma virginal, e a belleza de seu rosto juvenil. Esta princeza, a quem faziam tamanha violencia, chamava-se D. Joanna, e era filha de D. Henrique IV, rei de Castella e Leão, e da rainha D. Joanna de Portugal, filha del-rei D. Duarte.

Como filha unica, subíra ao throno por morte de seu pae. Disputaram-lhe a coroa, accusando-a de filha adulterina, Isabel e Fernando, reis de Aragão, dividindo-se os seus subditos nas duas parcialidades. Acudiu a soccorrel-a, com tropas, seu tio el-rei D. Affonso V de Portugal, que, achando-se viuvo, a desposou, para, com melhor titulo, pugnar pelos direitos da joven soberana. Mas, sendo-lhe contraria a sorte das armas, que a obrigou a buscar asylo em Portugal; sendo-lhe adverso o pontifice, que lhe negou a dispensa matrimonial; a desditosa princeza, orphã de seus naturaes protectores, expulsa do throno e da patria; separada do seu nobre defensor, ao qual não chegou a chamar esposo, apesar da ceremonia religiosa que os uniu; foi, ao cabo de tantas tormentas e angustias, por clausula das pazes entre Portugal e Castella, encerrada no convento de Santa Clara de Santarem, em setembro de 1479, e pouco depois levada d'alli ao de Santa Clara de Coimbra, onde a obrigaram a professar, concedendo-se-lhe, por unico titulo de distincção, o epitheto de *excellente senhora*.

É este um dos mais lamentaveis episodios da historia portugueza. A despedida de D. Joanna das damas e cavalleiros da sua corte, que a tinham acompanhado, fieis e dedicados, em todas as phases da sua vida; esse adeus derradeiro, que deixava tornadas em fumo tantas esperanças, e reduzidas ao nada tamanhas grandezas, foi uma scena pathetica, que a todos que a presencearam contristou e commoveu sobremaneira.

Tal foi a ultima pagina do drama que fez correr sangue abundantemente nos dois paizes, que levou um rei nosso á França a mendigar soccorro, e que terminou por uma grande humilhação e vergonha para Portugal, que assim acceitou o papel de algoz de uma donzella e rainha, perseguida sem culpa, e que viera entregar-se-lhe confiada na sua lealdade e protecção!

Em quanto o convento de Santa Clara de Coimbra servia de theatro a tão variados succéssos, o Mondego ia-lhe minando os alicerces, afogando-lhe as paredes com as areias, e alagando-lhe o templo com as aguas do inverno. Cresceu a tal ponto este damno, que ao tempo da restauração de 1640 viam-se as freiras continuamente expostas aos maiores incommodos e a imminentes perigos.

Acudiu-lhes, porém, D. João IV, mandando edificar novo mosteiro, logo que se julgou mais desassombrado dos cuidados que lhe impunha a defesa do reino. Escolhido para esta fundação o monte de Nossa Senhora da Esperança, sobranceiro ao rio e ao velho convento, cujo nome lhe provinha de uma ermida d'aquella invocação que n'elle·havia, encarregou el-rei do risco do edificio, e da direcção dos trabalhos, fr. João Turriano, monge benedictino, e architecto; e incumbiu a superintendencia da obra a D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede, e ao diante primeiro marquez de Marialva.

Lançou-se a pedra fundamental na capella-mór do templo, com grande solemnidade, no dia 3 de julho de 1649. Não obstante os bons desejos do fundador, e o muito que urgia o acabamento do mosteiro, pelo estado de ruina do antigo, que em todos os invernos ameaçava desmoronar-se, a nova edificação corria muito vagarosa pela falta braços e de dinheiro, pois que as necessidades da guerra, para a sustentação da nossa independencia, absorviam tudo quanto podia servir de resistencia aos numerosos exercitos de Castella.

Foi por esta razão que só no fim de meio seculo de trabalhos, mais ou menos aturados, se concluiu o convento, reinando então D. Pedro II. Antes, porém, da conclusão da egreja, fez-se a trasladação da communidade e do corpo de Santa Isabel no dia 29 de outubro de 1677. Foi uma funcção verdadeiramente real, mandando D. Pedro, sendo principe regente, alguns dos principaes fidalgos da sua corte para assistirem a essa grande solemnidade.

Saiu a procissão do convento velho para o novo, caminhando sempre entre as communidades dos collegios de religiosos de Coimbra, collocadas em alas, e empunhando tochas accesas. Compunha-se a procissão das communidades das duas ordens de S. Francisco, das religiosas de Santa Clara, de varias confrarias, do corpo cathedratico da universidade, da camara e auctoridades da cidade, da cleresia e cabido da sé conimbricense, e de muitos fidalgos e prelados. O marquez de Arronches levava o pendão de tela branca com o retrato da rainha santa, pegando nas borlas d'elle seu filho e o conde da Ponte. O corpo de Santa Isabel era conduzido debaixo do pallio, aos hombros dos bispos do Porto, de Lamego, de Vizeu, de Miranda, de Pernambuco, e de Targa, todos revestidos de pontifical. Pegavam nas varas do pallio o marquez das Minas, os condes da Feira, de Alvito, de Figueiró, de Aveiras, de Soure, de Santa Cruz, e o visconde de Villa Nova da Cerveira. Junto ao pallio

iam o bispo de Coimbra D. Fr. Alvaro de S. Boaventura, e o bispo de S. Thomé, tambem de pontifical.

Todas as ceremonias religiosas foram feitas, com extraordinaria pompa, na egreja nova de Santa Clara. Acabada a festividade, durante a qual esteve exposto o corpo da rainha santa, foi este depositado em um cofre mui rico de prata e cristal, feito por disposição testamentaria do bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco. Em seguida, depois de fechado com tres chaves, foram estas entregues, a primeira a Roque Monteiro Paim, secretario de estado do principe regente D. Pedro, enviado para este fim; a segunda ao bispo de Coimbra; e a terceira á prelada do convento.

Collocou-se o sagrado cofre em uma capella do corpo da egreja, onde permaneceu até que, concluida inteiramente a capella-mór, foi mudado para o seu altar no dia 3 de julho de 1696, renovando-se por essa occasião, n'esse dia e nos seguintes, pomposas festas, eguaes em apparato, e na assistencia de bispos e titulares, ás da anterior trasladação.

Exteriormente é o templo de architectura singela, sem elegancia nem belleza. Serve-lhe de adro um terreiro mais comprido que largo, guarnecido de muro baixo pelo lado do declive da montanha. Interiormente é bastante espaçoso, de uma só nave, e muito ornado de obra de talha doirada.

Os retabulos dos altares do corpo da egreja são de esculptura, sendo relevados os santos e mais objectos n'elles representados. Considerados, porém, artisticamente, tem pouco merecimento.

O cofre em que está depositada a rainha Santa Isabel acha-se collocado na tribuna sobre o altar-mór. É cercado de grades de prata, com pouco mais de dois metros de altura. Os angulos são formados por columnas de prata; e do mesmo metal, com muita variedade de lavores, é tudo o mais, afóra os vidros que deixam ver a santa. Tem gravada uma inscripção que declara quem o mandou fazer.

Em frente da capella-mór acha-se o coro das freiras. É quasi tão vasto como a egreja, e guarnecem-n'o pelos tres lados muitos altares curiosamente adornados. Proximo das grades, que o dividem da egreja, as quaes tem bastante largueza para deixarem ver perfeitamente todo o coro, está o mausoleo de pedra em que jazeu a rainha santa na egreja velha por mais de tres seculos.

É um bello e rico monumento. Sobre a tampa avulta a estatua da rainha, e em volta da caixa estão as imagens dos apostolos e dos evangelistas, em meio relêvo, mettidas em nichos. As mais partes do mausoleo são cobertas de silvados, arabescos, e outros variados lavores.

Contiguo ás grades do coro, mas dentro da egreja, vêem-se os tumulos das infantas de quem acima fallámos.

O convento é grande e de aspecto regular. Estende-se pelo dorso do monte em continuação da egreja. Remata nas extremidades em dois pavilhões, mais elevados, e que servem ás religiosas de mirante.

Deita todo o convento para a cêrca, gozando-se das suas janellas um admiravel panorama. Aos seus pés está o grande edificio do extincto convento de S. Francisco. Mais abaixo o antigo burgo de Santa Clara, junto ás ruinas do velho convento, e os campos da margem do Mondego, povoados de laranjaes, e orlados de arvoredo silvestre. Depois o rio com as suas ilhas e com a sua soberba ponte de pedra, obra del-rei D. Manuel, e já quasi sepultada nas areias. Além Coimbra, sentada senhorilmente como em throno, e cercada por todos os lados de verdores. Mais longe os prados e bosques das duas margens do rio, collinas sempre verdes coroadas de grandes conventos, ou de basto arvoredo, e serras que a distancia veste de roxo-azulado.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa

PALACIO DE CRISTAL NO PORTO

(Conclusão. Vid. pag. 2)

Installou-se a sociedade para a fundação do palacio de cristal no dia 30 de agosto de 1861, denominando-se *Sociedade do palacio de cristal portuense*. Os socios installadores foram os srs. Alfredo Allen, Antonio Ferreira Braga, Antonio José do Nascimento Leão, Antonio Ribeiro Fernandes Forbes, barão de Nova Cintra, Eduardo de Oliveira Chamiço, Francisco de Oliveira Chamiço, Francisco Pinto Bessa, Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães, dr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio, José Joaquim Pereira Lima, visconde de Castro Silva e visconde de Pereira Machado.

Sua Magestade el-rei o sr. D. Luiz I, tendo visitado as obras do palacio em novembro de 1863, e testimunhado aos directores a sua satisfação pelo adiantamento em que iam, dignou-se acceitar a presidencia honoraria da sociedade. A direcção gerente compõe-se dos srs. Alfredo Allen, Antonio José do Nascimento Leão e Francisco Pinto Bessa, ao zelo, intelligencia e esforços dos quaes se deve o desenvolvimento que tem tido uma obra de tão vastas proporções. Tambem a sociedade deve a differentes pessoas, e com especialidade aos srs. conde de Castro e Francisco de Oliveira Chamiço, ver aplanadas muitas difficuldades.

É o fundo social 200:000$000 réis, divididos em duas mil acções de 100$000 réis cada uma.

Lançou a pedra fundamental nos alicerces do palacio el-rei o sr. D. Pedro V, de gloriosa memoria, no dia 3 de setembro de 1861.

N'esse mesmo anno sobreveiu a Portugal aquella grande catastrophe, que lhe roubou o rei e os dois infantes amados do povo. Uma desgraça publica de tal ordem não podia deixar de trazer certa paralysação a uma empreza daquelle genero, apenas nascente. Assim pois só no anno seguinte, no dia 2 de agosto de 1862, é que se deu começo aos trabalhos da edificação, e do movimento de terras para as obras do parque e jardins.

Fez o risco do palacio o architecto inglez, o sr. F. W. Sheilds, residente em Londres; e a direcção da obra foi encarregada aos srs. Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa, engenheiro, e Pedro de Oliveira. O desenho dos jardins e parque foi commettido ao sr. Emilio David, allemão, architecto paizagista.

Tem o palacio quatro frentes, e conta 110 metros de comprimento, e $72^{m},34$ de largura.

A cupula, que se eleva sobre a nave central em toda a extensão do edificio, ha de ser de ferro e cristal. A sua altura maxima será de $18^{m},90$. Cobre o grande salão destinado para a exposição geral dos productos industriaes, cujo comprimento é de 107 metros, com $24^{m},53$ de largura. Tem capacidade para conter dez mil pessoas.

As naves lateraes contam de comprimento $84^{m},10$, de largura $8^{m},31$, e de altura $14^{m},32$.

A gravura a pag. 1 mostra a frente principal do edificio, que está voltada para o norte, e que é egual á que olha para o sul. Nos dois corpos d'aquella frente, que se estendem para um e outro lado da nave central, incluindo os pavilhões que os terminam, estão distribuidas as seguintes salas e gabinetes: No lado de léste acham-se o vasto salão dos concertos, tambem destinado para outros espectaculos, com $25^{m},54$ de comprimento, $13^{m},72$ de largura, e $10^{m},30$ de altura; gabinetes para senhoras, e outros para homens. No lado de oeste estão o salão do museu e a galeria de quadros, eguaes em comprimento e largura ao salão dos concertos, porém com menos altura.

As frentes do sul, de léste, e de oeste encerram muitas e grandes salas; sendo duas de bilhar, uma de leitura, tres de jantar, das quaes uma de primeira

classe, outra de segunda com 15^{m},39 de comprimento, e a terceira particular; casas de pasto de primeira e segunda classe, gabinetes de descanço e de toucador para senhoras, uma grande estufa para plantas dos tropicos com 18^{m},65 de comprimento, 8^{m},23 de largura e 6 metros de altura, etc.

A cozinha, despensa, sala para criados, armazens, e mais officinas ficam nos subterraneos.

O palacio de cristal é construido de granito, da melhor qualidade que se encontra no Porto, e de ferro. A obra de pedra deverá estar concluida até meiado do proximo mez de abril, e a de ferro dentro de sete mezes. Esta ultima, cujo primeiro carregamento cremos que chegou ultimamente ao Porto, é fabricada em Manchester, nas officinas dos srs. Ormerod & Grierson.

A situação do palacio de cristal é a mais bella e vantajosa que se podia desejar. Está edificado no alto da *Torre da Marca*, na extremidade de oeste da cidade. Os terrenos que o rodeiam, e nos quaes se estão já delineando os jardins e parque, são muito extensos e desafogados. Compõem-se do grande largo da Torre da Marca, da quinta e terras que o limitavam pelo lado de léste e sul, de uma boa parte da quinta que o cercava pelo lado de oeste, e dos terrenos que eram occupados com varias propriedades de casas, que corriam pela parte do norte entre aquelle largo e a rua da Torre da Marca, que conduz a Villar.

As acquisições d'estes terrenos foram de muito custo, por serem algumas propriedades muito valiosas.

A segunda d'aquellas quintas, que pertenceu ao fallecido negociante Antonio Ferreira Pinto Basto, é bella pelos seus arvoredos seculares, e é historica, porque foi a ultima residencia do campeão da liberdade da Italia, o infeliz rei Carlos Alberto, avô de Sua Magestade a rainha, sra. D. Maria Pia de Saboya.

Fica o palacio, com os jardins e parque, em uma posição elevadissima acima da superficie do mar. No lado do sul desce o terreno em ingreme escarpa até á *rua da Restauração*, que communica a cidade alta com o arrabalde de *Massarellos* e estrada da Foz, circundando e cortando a meia encosta o monte da Torre da Marca. Por conseguinte d'aquella rua para a parte do sul continúa a descer o monte precipitadamente até ao rio.

A vista, pois, que se goza de cima, do alto d'aquella vasta planura, é de tal magestade e belleza, pela extensão dos horisontes, pela grandiosidade dos quadros, pela variedade dos contrastes, pela graça e formosura dos matizes, e pela vida e movimento que a tudo dá realce e animação, que não póde a penna traçar esboço com que se faça uma idéa da realidade. Em outro logar, tratando da capella de Carlos Alberto, fundada pela princeza de Montlear n'este mesmo largo da Torre da Marca [1], deixámos contornado a largos traços o encantador panorama que os olhos d'alli relanceiam.

Em breve tempo, portanto, terá a cidade do Porto, completo e patente, um monumento que a aformoseará sobremaneira, considerado materialmente, e que a ha de illustrar e engrandecer muito mais pela sua importancia e significação moral, pela influencia que vae exercer, forçosamente, no desenvolvimento e aperfeiçoamento das industrias, e, por uma consequencia logica, no melhoramento das classes laboriosas.

E Portugal deverá á cidade do Porto poder contar entre os padrões de suas passadas glorias, um dos monumentos mais caracteristicos do seculo XIX, o monumento por excellencia da presente civilisação, porque no pensamento, que o gerou, estão consubstanciadas todas as grandes idéas do actual progresso humanitario.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. pag. 401 do vol. IV.

A NOVA ALFANDEGA DO PORTO

A antiga alfandega do Porto tem sido uma das nossas maiores vergonhas e miserias, porque ao grande movimento commercial da segunda cidade do reino, que é sem questão uma das praças importantes da Europa, deram-lhe por casa fiscal, e conservaram-lh'a em longa diuturnidade de tempo, um pardieiro em todo o rigor da palavra.

As justas queixas do commercio, as energicas reclamações da imprensa, e as representações, incessantes e urgentes, das proprias auctoridades fiscaes, vinham todas morrer desattendidas ante a indifferença dos poderes publicos, ou perante a timidez e irresolução dos ministros.

Em vão foram ao Porto por vezes, e visitaram a alfandega, varios ministros da corôa. Debalde viram com os seus proprios olhos a mesquinhez do edificio, a carencia absoluta de espaço para accommodação das mercadorias, os prejuizos e riscos que a estas provinham do estado mais ou menos ruinoso dos armazens, a falta das condições necessarias para se evitarem descaminhos ao fisco, os perigos, em fim, que ameaçavam tantos valores alli guardados, por se achar a alfandega encravada entre predios particulares, sem especie alguma de resguardo.

Tudo era baldado, não porque fallecessem bons desejos ás pessoas a quem cumpria prover de remedio a similhante mal; mas sim porque as nossas dissensões civis, esterilisando todos os pensamentos generosos, e peando a acção governativa, entibiavam os esforços dos nossos homens de estado, e distrahiam-lhes as attenções dos assumptos de verdadeiro interesse publico, absorvendo-lh'as quasi inteiramente nas luctas inglorias dos partidos a disputarem o poder.

Felizmente, travou-se a roda das revoluções. Serenaram mais as paixões politicas, e o paiz encetou, em fim, uma epocha de verdadeira regeneração, entrando desassombradamente, e com passo firme, no caminho dos melhoramentos materiaes.

Era, pois, chegado o momento de se attender a uma das mais imperiosas necessidades do Porto. D'esta vez não foram remissos os poderes publicos. Examinaram-se differentes locaes para a edificação da nova alfandega; consultaram-se as associações da cidade e as pessoas competentes; foram concedidos pelas côrtes os subsidios que o governo julgou necessarios: e traçada a planta do edificio, deu-se, finalmente, começo ás obras.

Não se pense, porém, que todas estas operações se succederam immediatamente umas ás outras. Uma tal rapidez de pensamento e de acção não está de accordo, nem é compativel, desgraçadamente, com os nossos costumes. Só na escolha do local foram immensas as delongas, pelas hesitações a que deu causa a diversidade de pareceres.

E, caso notavel, depois de tantas consultas, e de tantos calculos, resolvendo o governo afastar a edificação projectada do centro da cidade, contra todos os votos e conveniencias do commercio, porque o acobardou o valor das expropriações, foi lançar os fundamentos do edificio n'um extremo da cidade, com pessimas serventias para o movimento das mercadorias, e em local, onde os alicerces e caes tem já importado n'uma quantia muito proxima, sem duvida, se não for excedente, á somma a que montariam aquellas expropriações.

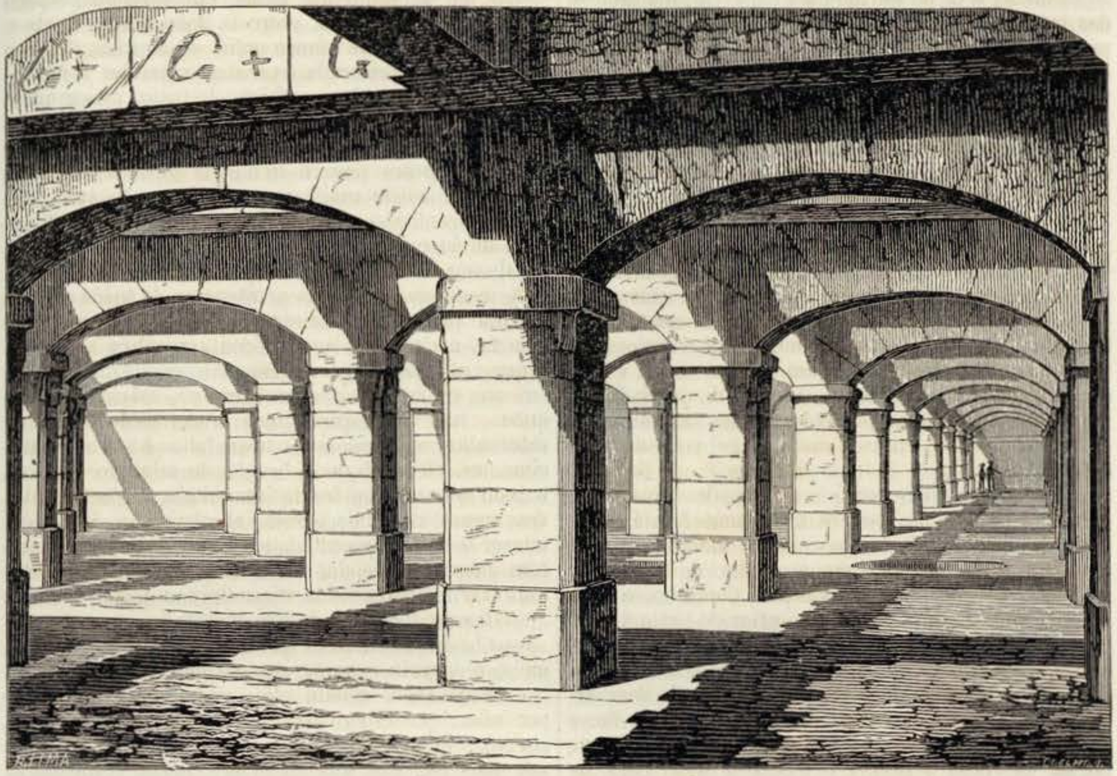
Todavia, bem ou mal escolhido o sitio, a obra vae adiantada, e a cidade do Porto terá, ainda que á custa de muitos centos de contos de réis, uma alfandega magnifica, construida com solidez e largueza, digna por certo de um centro industrial, tão populoso, tão activo, e tão rico.

Este grande edificio em construcção está situado sobre o Douro, fóra dos muros antigos da cidade, e proximo da *Porta Nobre*, que dá saida para a Foz pela estrada marginal. Occupa quasi todo o terreno da formosa alameda de Miragaia, que era um dos mais lindos passeios do Porto, e que tão barbaramente foi derrubada para deixar vago o logar para a nova alfandega.

A nossa gravura, copiada de uma photographia do sr. Seabra, representa os armazens subterraneos da alfandega, que são vastissimos. Posto que as paredes do edificio ainda ha pouco começassem a subir acima dos ditos armazens, cremos que as obras progredirão d'aqui em diante com mais brevidade, visto estarem vencidas as grandes difficuldades que oppunham a pouca solidez do terreno pela visinhança do rio, e a subida e violencia das aguas durante as cheias do inverno.

Contâmos fallar mais circunstanciadamente d'este edificio, quando offerecermos aos nossos leitores a gravura que mostre a sua perspectiva.

L. de Vilhena Barbosa.



Armazens subterraneos da nova alfandega do Porto

CONQUISTA DE CEUTA

EXCERPTO INÉDITO

(Vid. pag. 4)

GALAS E TRISTEZAS

Teve nas causas de Deus excellencia;
Aquelles amava, honrava e temia;
Em fabricas santas mui bem despendia
Assás largamente com manificencia.
. . . .
Quem se prezava de santa sciencia
Muito por certo ante ella valia.

Diogo Brandão. — Cancioneiro de Resende.

Os fados que deram orvalhos ás rosas
Visitem as flores do vosso estrado,
E todo o cuidar de triste cuidado
Não hajam logar nas Altezas Vossas.

Gil Vicente. — Auto das Fadas.

Amanhecêra lindo e sereno o dia 10 de julho de 1415. Nem uma nuvem toldava o ceo. O Tejo, doirado por um sol esplendido, estava liso e scintillante como a face polida de um espelho. As suas ondas, com murmurios abafados, enrolando-se lentamente, vinham espreguiçar-se na areia marchetada de seixos e de conchas; e lá ao longe, sobre a barra, os que estendiam a vista da praia do Restello, a esse tempo nua ainda dos monumentos com que a magnificencia de D. Manuel assignalou o grande feito de Vasco da Gama, descobria as vagas encapellando-se sobre os penedos entre nuvens de espuma, e rugindo contra o eterno freio que as suspende.

As margens, horas antes ermas e silenciosas, tinham começado com o alvorecer a povoar-se de curiosos, e a resoar com os gritos e o ruido inquieto da multidão, engrossada de instante para instante, e respondiam com salvas de applausos á celeuma das tripulações, e á brava alegria dos instrumentos a bordo das naus e galés da armada del-rei.

De espaço em espaço um batel largava de terra, e conduzia aos navios surtos algum cavalleiro mais demorado, ou os pagens e escudeiros de algum rico homem embarcado na vespera.

Os montes fronteiros, desde Almada até á Trafaria, cobriam-se de bandos buliçosos de espectadores, que vinham embeber os olhos na vista admiravel da entrada da frota do infante D. Henrique, chegada do Porto, e proxima a encontrar-se com a do infante D. Pedro, que ia levantar ferro e sair a recebel-a. No rosto e trajos da população respirava o mesmo alvoroço que se lia nas feições asperas e bronzeadas dos marinheiros, homens de armas, e besteiros.

E na realidade, era para arrebatar o painel que pouco depois se descortinava sobre as aguas do Tejo, inundadas de luz, zebradas de mil cambiantes fugitivos, e coalhadas de innumeraveis barcos, uns voando inclinados pela véla, outros escorregando pela superficie estanhada do rio ao bater compassado dos remos; estes em cardumes e confusão, aquelles atravessando timidos, e buscando ensejo favoravel para se adiantarem.

Faltava, porém, ainda o mestre de Aviz ao jubilo d'este dia. O coração dos subditos chamava por elle,

a voz de seus filhos dizia-lhe que se apressasse, e apesar d'isso, nem do lado de terra, nem do lado do mar se avistava cavalgada, ou galé real, que annunciasse a vinda de sua real senhoria. Mal adivinhavam os que assim discorriam, enlevados na contemplação da armada prompta a largar, e rodeada de pompas e louçania, que n'aquelle momento mesmo corria D. João I á redea larga com os mais tristes presentimentos a cobrir-lhe de sombras o coração. Acabava de receber o recado de Brites de Moura, e tremia de encontrar já moribunda D. Filippa de Lencastre.

Ao metter o pé no estribo para Sacavem, lembrou-se dos infantes, e despachou Affonso Annes a D. Duarte para o avisar de que partisse sem elle, mas com ordem de encobrir ao principe e a todos o verdadeiro motivo da ausencia de seu pae. O escudeiro, obediente e discreto, cumpriu escrupulosamente o preceito. Ninguem suspeitou a causa dolorosa que apartava o filho del-rei D. Pedro dos braços dos seus cavalleiros e do seu povo, n'aquella hora de tanto orgulho e regozijo.

As duas armadas encontraram-se no mar, e saudaram-se com ruidosas acclamações. Os sons das trombetas, anafis e timbales, ouviam-se a larga distancia, correspondidos por milhares de vozes. As galés com os dois mastros, o mestre e de traquete, nobremente embandeirados de balsões e pendões, quarteados com as côres do infante D. Henrique, branca, verde, e preta, e a sua divisa, *talent de bien faire*, bordada em letras de oiro, surgiam altivas e graciosas, armadas de toldos de seda, com os castellos cobertos de talha doirada.

Sobre as varandas, de pé, e cercados de um sequito apparatoso, viam-se os tres irmãos, D. Duarte, D. Henrique, e D. Pedro, o conde de Barcellos D. Affonso, D. Fernando de Bragança, filho do infante D. João, o marechal Gonçalo Vasques Coutinho, o alferes-mór João Gomes da Silva, o prior do Crato Alvaro Gonçalves Camelo, o condestavel Nuno Alvares Pereira, o mestre de Christo D. Lopo Dias de Sousa, o almirante Lançarote Pessanha, o capitão de mar Affonso Furtado, e outros fidalgos de grande nome e reputação, cada um em seu navio, trajando os de Lisboa as côres del-rei, e ostentando os do Porto as do infante D. Henrique. Os homens de armas e besteiros vestiam a libré dos senhores de quem seguiam as bandeiras; e os patrões, alcaides, arrais, marinheiros e remadores, de que se compunham as tripulações das galés, usavam as côres e divisas del-rei e dos infantes. As naus, com o seu curto e alteroso casco, tombadilho e castello de ré muito elevados, e o mastro de mesena pouco maior do que o mastro de uma lancha, inchadas de panno, pesadas e torpes de manobrar, navegavam barlaventeando, em quanto os vasos de remo, mais leves, obedecendo ao esforço dos *vintaneiros*, curvados sobre os seus vinte e cinco ou trinta bancos, cortavam o rolo das vagas, velozes como aves, enfunando as velas latinas, ou os *bastardos*, soltos ao sopro da brisa que refrescára, como se quizesse tambem ella proteger o formoso alardo do maior poder naval que Lisboa víra ainda em suas aguas.

As ancoras morderam a areia diante do Restello. As fainas da marinhagem terminaram. As velas encolheram-se. E ao estrepito das multidões e dos instrumentos succedeu o silencio e a quietação. As trevas cobriram o rio e a cidade. Nas praias desertas nem um vulto! A bordo das naus e galés apenas o vagaroso perpassar dos homens da ronda nocturna, cujas lanças reluziam ao clarão da lua, accusava a vigilancia militar. A hora do repouso já tinha batido havia muito, e depois das fadigas do dia o somno emmudecêra todos os rumores.

Entretanto, se algum curioso, detendo-se, e resistindo ao peso das palpebras, teimasse em espreitar, veria, rendido o quarto da modorra, um batel ensurdecendo os remos avisinhar-se da galé capitania, aonde dormiam os infantes e o conde de Barcellos, ouviria fallarem-lhe de cima, e responder o arrais de baixo, e logo depois baixar pelo costado uma escada, e subir uma figura de grande estatura envolta em comprido e escuro manto. Era Affonso Furtado que voltava de Odivellas, aonde fôra com a noticia da chegada da frota do Porto, e que trazia aos principes a má nova da enfermidade de sua mãe. Meia hora passada, uma galeota subia o Tejo com os infantes trespassados de mágoa e de cuidado.

Em um aposento das casas, que serviam de paço á rainha em Sacavem, entre D. João I, que desde o assalto do contagio nunca mais se afastára do leito em que a via prostrada, e a sua camareira Brites de Moura, que o serviço e affeição de tantos annos quasi tornavam sua verdadeira irmã nos carinhos, D. Filippa de Lencastre, com a fortaleza dos que trazem sempre justas as contas para a tremenda jornada, acabava de se reconciliar mais uma vez, vertendo sob o sigillo da confissão, no seio do sacerdote que escolhêra para director espiritual, os ultimos receios e escrupulos da sua virtude timida e modesta.

As esmolas e austeras penitencias de todos os dias não lhe pareciam sufficiente expiação; e a sua consciencia, á qual nem uma nodoa empanava a pureza, e que era, dizia depois o capellão, como um espelho em que os anjos poderiam mirar-se, assustada e inquieta, não descançára ainda, recordando cheia de sobresalto como culpas as leves faltas e até os esquecimentos. Depois que a benção do ministro de Deus baixou sobre a sua fronte humildada, e que as palavras consoladoras da egreja, absolvendo-a, lhe restituiram toda a tranquillidade, a princeza, estreitando com affecto a mão del-rei, e deixando cair sobre ella uma lagrima não sentida, disse-lhe com meigo sorriso:

— Nossos filhos ainda não vieram?

— Chegaram ainda de noite, e esperam que os chameis, redarguiu o monarcha em tom submisso.

— Deus sabe, acudiu ella, quanto me custa, não por mim, que espero tudo da sua misericordia, mas por vós, que deixo com tanta saudade, o golpe que vou dar-vos. Mas sois christãos, confiae como eu, e mais tarde em melhor patria tornaremos a encontrar-nos e amar-nos...

— Filippa, atalhou el-rei rebentando-lhe o pranto, e com a voz presa, não digaes que nos havemos de separar. Tudo posso supportar, a tudo estou resignado, menos á cruel idéa de arrastar sem ti á sepultura uma velhice carregada de tristezas... Mais de uma vez passou por mim a morte, e quasi me tocou, sem que eu tremesse. Nas batalhas, em muitos lances, faiscou o montante, ou a acha de armas sobre o meu elmo, e não desviei a cabeça, nem senti o mais leve temor... A minha confiança estava em Deus, e dizia-me o coração que o seu braço seria commigo! Mas hoje, ver-te, e cuidar que nos despedimos para sempre, é uma dor tão forte, que não posso com ella, e que parece que a alma se me arranca do corpo para seguir a tua, que lhe quer fugir...

— Não ha remedio. Mais tarde ou mais cedo havia de ser! Fomos companheiros de trabalhos e esperanças...

— Vinte oito annos! — murmurou el-rei enxugando os olhos com as costas da mão.

— Abençoados annos de paz, de affecto, e de felicidade para mim!... Ficam os nossos filhos em quanto eu vou, e o vosso reino, senhor, de que sois por obrigação pae e defensor... Quando Deus dispozer da sua serva, depois da primeira saudade, o amor dos infantes e os cuidados de principe vos consolarão!... Chama por el-rei a empreza de Ceuta...

— A empreza de Ceuta não se fará sem vós!... interrompeu D. João alçando o rosto.

— Não digaes mal do futuro, senhor, porque o futuro é de Deus. Haveis de ir a Ceuta e voltareis vencedor. Será a ultima proeza do mestre de Aviz — observou a princeza tornando a sorrir. — Mas os infantes aonde estão?... — insistiu. São horas de os ver e abraçar. Demais, tenho um brinde que lhes fazer, e uma promessa que lhes pedir.

— Eu mesmo os trarei aqui, disse el-rei aproveitando a occasião para sair, e poder a sós dar largas á mágoa comprimida.

Apenas o monarcha desappareceu, D. Filippa voltou-se para Brites de Moura e perguntou:

— João Vasques de Almada mandou já as espadas?

— Senhora, sim; e por signal tão perfeitas e bem lavradas, que se vão os olhos n'ellas.

— Dizei, pois, a um pagem que as traga, e dae-m'as.

Depois elevando a vista, e unindo as mãos, como insensivel a tudo o que a rodeava, arrebatou-se em tão fervorosa oração, que mais parecia já uma santa, ornada das graças da bemaventurança, do que a mulher enferma e proxima a despenar-se das dores e mágoas do seu desterro. As sombras da morte, que se avisinhava, amaciando-lhe a alvura transparente da tez, davam-lhe a côr melindrosa do alabastro; e a serenidade da alma, estampada no rosto, revestia todas as feições d'aquella expressão immovel, mas suave, que o escopro e o cinzel tantas vezes apalpam debalde nas mais bem acabadas estatuas.

Aonde a vida ainda se concentrava com algum fogo era nos olhos, que os ardores da febre illuminavam de um brilho que os fazia resplandecer como dois carbunculos. O seio agitado arfava com tanta violencia, que levantava as roupas, e de curtos em curtos intervallos um soluço rapido e angustiado prendia-lhe a voz e a respiração.

Quando D. João I e os infantes entraram, a rainha com as palpebras quasi cerradas, e a cabeça debruçada sobre as almofadas, mostrava repousar; mas os sentidos eram vigilantes, e por mais leves que fossem os passos, ouviu-os e conheceu-os.

Vendo os principes, um ar de riso brando, mas triste, espraiou-se-lhe pelo semblante, e fazendo um esforço sentou-se na cama sem ajuda, e estendeu os braços para elles exclamando:

— Meus filhos! Meus queridos filhos!

E duas lagrimas saltando-lhe dos olhos vieram gelar-se deslisando lentamente pelas faces.

Depois que os contemplou a todos com o orgulho innocente de mãe, e beijou a cada um com o extremo arrebatado de quem se despedia para sempre, a princeza chamou por Brites de Moura, e pediu as espadas. Quando as teve mirou-as com cuidado uma por uma, louvou o primor das guarnições de oiro cravejadas de rubis, aljofares e esmeraldas, e disse virando-se para os principes:

— Deus sabe que ardente desejo tive sempre de ver a hora em que vosso pae vos havia de armar cavalleiros, e para ella mandei fazer e guarnecer estas espadas. O Senhor não permitte que eu alcance dia de tanto jubilo. Seja feita a sua vontade, e louvada a sua sabedoria!... Chegae-vos, D. Duarte. Sois o meu primogenito. O primeiro filho do meu amor, a primeira esperança que floresceu do nosso consorcio em casa de vosso pae!...

O infante aproximou-se, ou antes arrastou-se quasi paralysado pela dor. A nova não esperada do perigo da rainha, e o estado em que a vinham encontrar, quebraram por tal modo o animo a todos tres, que nenhum ainda conseguíra articular palavra. Tinha-se-lhes posto um nó na garganta, e parecia que uma setta lhes rasgára o coração. As lagrimas silenciosas correndo em fio diziam, porém, claramente, o que os labios não podiam expressar. D. João I, um pouco distante, sentado em um escanho, com a cabeça entre os punhos, recordava, cheio de tristeza, os annos venturosos de terna amizade que devêra a sua mulher, e, na sublime incredulidade do affecto, quasi duvidava do que via e escutava.

Entretanto a princeza, dando a todos o exemplo do valor e da resignação, attrahia a si o mancebo que chamára, e inclinando-se para o enlaçar nos braços, dizia-lhe com um sorriso que o mettia dentro d'alma:

— Meu filho! Deus escolheu-vos entre vossos irmãos para serdes herdeiro d'estes reinos e columna de sua justiça. Dou-vos esta espada. Sêde com ella bom e leal cavalleiro, magnanimo e piedoso como vosso pae que nos está ouvindo. Tomae d'elle o exemplo em tudo. Encommendo-vos, como áquelle que depois de meu marido será rei, o amor, a felicidade, e a gloria de vossos povos. Acceitae com a benção de vossa mãe e de vossos avós a espada que vos offereço, com a firme esperança de que ha de ser uma vara de flores para os humildes e pequenos, um raio de victoria contra os inimigos do nome christão, e um açoite rigoroso contra os descridos e oppressores...

D. Duarte, dobrando os joelhos, e beijando-lhe a mão, recebeu a espada, e em voz tão sumida que parecia um echo do coração desfallecido, jurou que todos estes conselhos ficavam entalhados no seu peito, e seriam cumpridos. D. Filippa lançou-lhe a benção, e, poisando-lhe depois um osculo estremecido na fronte, fez signal para que se erguesse, dizendo em tom mavioso:

— Adeus, filho! O Senhor te faça tão bom rei e tão bom cavalleiro como é teu pae!

E voltando-se logo para o infante D. Pedro com o riso nos labios a fim de o animar, porque dos tres era elle o que estava mais pallido e cortado de mágoa, disse-lhe:

— Desde a meninice que sempre vos conheci zeloso do serviço das donas e donzellas, uma das sagradas obrigações de todo o leal cavalleiro. A vosso irmão encommendei a justiça e amor dos povos que ha de reger um dia. A vós rogo-vos que esta espada seja em vossas mãos defesa e amparo da fraqueza mulheril, que não póde combater senão com lagrimas...

O lance aqui tornou-se para ambos mais doloroso. Este filho era o mais mimoso d'ella, o que melhor retratava nas feições e na alma as grandes qualidades de que a mãe nascêra prendada. Ao lançar-lhe a benção para lhe entregar a espada, os prantos rebentaram, e a voz do mancebo, em soluços, suffocou-se sem proferir uma palavra.

— Pedro! Meu filho!... — murmurou ella afagando-lhe os cabellos — Não me has de esquecer, bem sei! Levo-te no coração! Animo! É a vontade de Deus!

E recobrando toda a presença de espirito em um momento, poz a vista no infante D. Henrique, e chamando-o com a boca e o sorriso, accrescentou:

— Filho, chegae-vos! Vistes como reparti as outras espadas. Dou-vos a terceira, a qual eu tenho que assim como vós sois forte, o seja tambem ella, para vos ajudar em vossas emprezas. A um de vossos irmãos encommendei os povos, a outro as donas e donzellas; vós, quero que sejaes o amigo e protector dos fidalgos e cavalleiros d'estes reinos. Sei muito bem que todos são del-rei e elle d'elles; mas quando algum carecer de intercessor que lembre seus serviços, ou de defensor que emende seus aggravos, abri os ouvidos e as mãos para o soccorrer, e que ninguem chame em vão pelo vosso nome!

Encarecer as lastimas e tristezas, as lagrimas e soluços d'este apartamento, é pintura que só entenderá quem experimentou como doe o afflictivo trance que desmaiava aquelles peitos tão firmes e seguros diante dos maiores perigos. A rainha, tornando a chamar o

infante D. Duarte, recommendava ao seu cuidado Brites de Moura, Mecia Vasques, e as damas que a serviam; e logo depois, fazendo que os tres filhos se abraçassem na sua presença, e cobrindo-os com um olhar de ineffavel amor, accrescentava:

— Pedro! Henrique! Quiz Deus que D. Duarte seja o herdeiro d'este reino e vosso senhor. Sêde sempre unidos e amigos. Sêde irmãos no affecto e vassallos fieis na obediencia. Pagae-lhe o grande amor que vos tem, em o servir e prezar como elle merece. Agora adeus! Sinto proxima a hora, e a minha alma precisa de se recolher e preparar. Se não tornarmos a ver-nos n'este mundo... Jesus nos unirá mais tarde na bemaventurança... Mas dizei-me, Henrique, vós que sois o mais sabido em coisas do mar e do ceo, que vento é este que sopra com tanta força?

— É o vento aguião, respondeu o principe um pouco admirado da pergunta.

— E bom sería elle, creio, se durasse para a vossa viagem?...

— Não o ha melhor.

— Que estranha coisa! — disse ella como fallando comsigo. Anciar tanto assistir a esta partida para louvar vossos feitos e proezas, e ser eu agora o maior estorvo d'ella, e estar certa de que a não verei!...

— Não digaes tal, minha senhora; ainda haveis de ver e abençoar vossos filhos, victoriosos e cavalleiros — acudiu o infante D. Duarte, fazendo grande esforço para simular uma falsa esperança.

— Ai! não, filho! Os meus dias e as minhas horas estão contadas. Mas do ceo, aonde espero subir pela graça de Deus, hei de ver-vos e abençoar-vos. Depois, aclarando-se-lhe a vista, e animando-lhe o rosto um leve rubor, proseguiu em tom quasi prophetico:

— Mas a minha morte não impedirá a ida. Partireis na festa de Santiago.

Os principes ouviram o annuncio com incredulidade. Se a rainha vivesse, em tão curto espaço como havia de restaurar-se e convalescer de modo que a deixassem? Se fallecesse, como temiam, no lucto e dó de tamanha perda, quem se lembraria de sair com tão poderosa armada em uma semana, que não corria mais d'aquelle dia até ao de Santiago?

Entretanto as forças da princeza decaíam, e a vista, incerta e turva, inculcava proximo o termo da lucta da carne com o espirito. Os infantes rodearam então el-rei, que se tinha retirado da camara de D. Filippa para outro aposento, e supplicaram-lhe que saísse de Sacavem. D. João ouvia-os calado, e respondia com a immobilidade propria da dor que o petrificava. Por fim, fazendo-se ainda mais pallido, e correndo a mão pela fronte anuviada, o mestre replicou ás instancias de seus filhos:

— É bem! Parece-vos que eu haja em tal momento de desamparar uma mulher que por tantos annos foi a companheira dos meus trabalhos e a alegria da minha vida?

E olhava cheio de tristeza para os mancebos, não menos trespassados do que elle, e na muda interrogação dos olhos como que lhes estranhava a supplica.

— Não! — proseguiu pondo-se de pé, sem encobrir as lagrimas que saltavam a duas e duas, grossas como punhos — Não! Póde seguir-se o que Deus quizer, mas eu não me apartarei nunca do seu lado. Oxalá que eu podesse tambem subir com ella á gloria, e quebrar este captiveiro de miserias!

Todos emmudeceram diante da voz rude, mas eloquente, d'aquelle amor, que tanto mais fundo se enraizára dentro d'alma, quanto menos costumava acudir aos labios em phrases e requebros.

Para um homem como D. João I, cujo grande coração, sempre egual aos infortunios e prosperidades, nunca se abalára nos maiores lances, assim romper em queixas e prantos, era necessario que o golpe fosse bem agudo, e o padecimento muito intenso.

— Senhor! — disse então o condestavel, que acabava de chegar. Cuidei encontrar aqui o cavalleiro das minhas batalhas, o rei, cujo peito de leão não conhecia o medo, e venho achar-me com um homem transido e desmaiado, chorando sem animo, como uma mulher, ou como uma criança! Sabeis vós outros onde está el-rei D. João I?!...

A medicina era heroica e arriscada; mas obrou o seu effeito. Só uma violenta commoção, que lhe inflammasse as paixões, podia sacudir d'aquelle espasmo doloroso o espirito do principe, acurvado pela adversidade. Nuno Alvares, que desde a mocidade luctára ao seu lado, e aprendêra a admirar-lhe a serenidade em tantos rasgos, vendo-o assim prostrado, temeu que elle não quizesse sobreviver á immensa perda que o feria. Por isso, como experimentado, fallára ao orgulho do soldado, e fizera vibrar as ultimas fibras sensiveis que ainda esperava despertar pela colera. Não se enganou.

A accusação de cobardia proferida pelo seu velho companheiro de armas, o filho del-rei D. Pedro ergueu-se de um só impeto, e, crescendo para o condestavel com a vista a arder em ira, exclamou em um grande e terrivel brado:

— Quem chama pelo mestre de Aviz e não o acha?

— Eu! Nuno Alvares Pereira! — redarguiu o guerreiro adiantando-se friamente, e subjugando-o com o olhar fito e cheio de poder. Buscava el-rei, buscava o bom cavalleiro que vi sempre alegre ou resignado no meio dos perigos, e em vez d'elle venho achar... Olhae para vós, senhor, e envergonhae-vos! D. João I com o rosto banhado em lagrimas, succumbido ás provações que Deus lhe envia, e dando maus exemplos a seus filhos! O que não diriam dos homens do nosso tempo aquelles que, por desgraça, soubessem que vós, o primeiro de nós todos, estaes tão pequeno diante da dor?

O monarcha escutava-o com o semblante demudado, com a lividez da raiva nas feições, e com a mão no punho do curto e afiado punhal que lhe pendia do cinto. Em volta d'elle, os tres infantes e D. Affonso, conde de Barcellos, que se juntára a seus irmãos, brancos como estatuas de marmore, nem se atreviam a respirar. Depois de uma pausa longa, durante a qual D. João parecia combater comsigo mesmo, condensando sobre a fronte todas as nuvens tempestuosas que as palavras de Nuno Alvares tinham accumulado, o rosto do principe esclareceu-se de repente, os seus olhos aplacaram-se, e um apagado e doloroso sorriso assomou-lhe á flor dos labios.

— Sois bom physico, Nuno Alvares! Aonde vos ensinaram medicina? — exclamou apertando-o nos braços. O remedio podia matar a um de nós, ou a ambos, mas não importa. Obrigado! Meus filhos, ajuntou voltando-se para D. Duarte, mandae chamar os do conselho, que estão aqui, e o que decidirem que eu faça... será cumprido. Vindes, D. Nuno?

E D. João I, alçando a cabeça e firmando os passos, abriu a porta do aposento, e retirou-se por um extenso corredor.

— Vêdes, senhores? — disse o condestavel aos infantes quando saía para acompanhar el-rei. Aos homens do meu tempo falla-se assim! O leão não precisa senão de ser acordado. Se formos a Ceuta, lá nos veremos com o rei das feras, e saberemos se é tão guerreiro como o pintam. Vosso pae não se demora aqui. Dentro de meia hora partirá.

De feito, D. João I passou antes da tarde a Alhos Vedros, além do Tejo, e, poucas horas depois d'elle se ausentar, D. Filippa de Lencastre entregava ao Creador uma das mais formosas almas que ennobreceram a purpura.

L. A. Rebello da Silva.